

SETOR DE HOSPEDAGENS EM DESTINOS TURÍSTICOS:

A influência da capacidade absorptiva e orientação empreendedora na sustentabilidade econômica, social e ambiental

1 Introdução

A importância do setor de Turismo em Santa Catarina é indiscutível. Em conjunto com o setor industrial e da agroindústria, alicerçam a economia do Estado de Santa Catarina que vem se destacando no cenário nacional nas últimas décadas. Entretanto, boa parte do potencial dos destinos ainda continua inexplorada e existe uma série de desafios para que o setor efetive seu papel de catalisador do desenvolvimento econômico e social no Estado. Aqui está um importante desafio, pois ao mesmo tempo em que as empresas que atuam no turismo geram desenvolvimento econômico e melhoria das condições sociais, precisam manter preservadas as condições ambientais e de paisagem. A sustentabilidade no turismo ainda precisa ser estudada pois, lacunas ainda estão presentes, em especial sobre sua implementação (Núñez-Ríos, et al., 2020).

Neste sentido, a elaboração de estratégias competitivas por parte das empresas, precisa considerar o contexto de atuação (Wang e Ang, 2014) e desenvolver sua capacidade absorptiva (Cohen e Levinthal, 1990). Além disso, o ambiente dinâmico tem exigido proatividade das empresas na identificação de oportunidades, fazendo-se necessário que essas também desenvolvam e mantenham aquilo que Lumpkin e Dess (1996) apontam como orientação empreendedora. As atividades turísticas ao mesmo tempo em que são possibilidades de empreendedorismo e aprendizagem, requerem, em especial dos gestores públicos e privados, a adoção de práticas que reduzam os impactos negativos, em especial os ambientais (Oliveira 2013).

Um grande desafio para governos, instituições privadas, estudiosos e planejadores, consiste em promover o desenvolvimento de um turismo mais sustentável em termos ambientais, socioculturais e econômicos (Silveira, 2005). Com base nesta realidade este estudo tem como pergunta de pesquisa o seguinte questionamento: Qual a influência da capacidade absorptiva e da orientação empreendedora na sustentabilidade econômica, social e ambiental nos principais destinos turísticos catarinenses? Para responder esse questionamento, o principal objetivo do estudo foi analisar a influência da capacidade absorptiva e da orientação empreendedora na sustentabilidade econômica, social e ambiental, no setor de hospedagens dos principais destinos turísticos de Santa Catarina.

Neste estudo foram coletados dados primários originais por meio de um instrumento de pesquisa do tipo Likert de 7 pontos, aplicado em meios de hospedagem de nove regiões turísticas do estado de Santa Catarina. A amostra final foi de 83 observações que oportunizou realizar análise descritiva e para analisar as relações utilizou-se a técnica de Modelagem de Equações Estruturais, por meio do software SmartPLS3. Os resultados mostraram existir relação direta, positiva e significativa entre capacidade absorptiva e sustentabilidade, bem como entre orientação empreendedora e sustentabilidade e ainda entre capacidade absorptiva e orientação empreendedora.

Esta pesquisa contribui gerencialmente com empreendedores do setor de hospedagem em destinos turísticos, na medida em que identificou que é necessário manter atenção aos conhecimentos que estão fora da empresa que possibilitam melhorias na adoção de práticas de sustentabilidade no setor. Ainda, contribui academicamente mostrando a capacidade absorptiva e a orientação empreendedora como precedentes da sustentabilidade econômica, social e ambiental. Isto é, na medida em que o gestor do setor de hospedagem em destinos turísticos busca novos conhecimentos externos, aprimora sua orientação empreendedora e desenvolve práticas de sustentabilidade.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Sustentabilidade no turismo

A partir da década de 1980, no turismo, assim como em outros segmentos (Davies e Chambers, 2018; Belz e Binder, 2015; Xu e Gursoy, 2015), também foram iniciadas discussões e implantação de ações voltadas à sustentabilidade. Busca-se linhar o desenvolvimento turístico com a preservação dos recursos por ele utilizados, com o objetivo de minimizar os impactos negativos gerados pela atividade (Katja, Miroslav, Barbara e Doris, 2014; Ruschmann, 2008). Desta forma a atividade turística deve ser capaz usar de forma consciente os recursos naturais, respeitar à autenticidade sociocultural da sociedade e viabilizar a economia de longa durabilidade que gere benefícios a todos os envolvidos (Elmo, Arcese, Valeri, Poponi e Pacchera, 2020).

O desenvolvimento do turismo precisa considerar os possíveis impactos atuais e futuros na economia, na sociedade e no meio ambiente, mantendo atenção às necessidades dos empreendimentos, das comunidades anfitriãs, bem como dos turistas (Angelkova, Koteski, Jakovlev e Mitrevska, 2012; PNUMA, 2006). O turismo, como parte integrante do desenvolvimento sustentável busca melhorar a qualidade de vida da população de um destino turístico, manter a qualidade ambiental do local turístico, gerar aumento de receitas para os habitantes locais e, possibilitar rentabilidade aos empreendedores do setor, especialmente os locais (OMT, 2004).

Seja por cobranças legais oriundas de legislações, ou por anseio da própria sociedade, as empresas passaram a ter maior preocupação com os diversos problemas socioambientais (Pérez-López, Moreno-Romero e Barkemeyer, 2015). No setor turístico, o pensar e agir de forma sustentável passou a ser aceito e também desejado pela sociedade, apesar de existir forte dominação por parte dos interesses econômicos (Pires, 1998). O turismo sustentável tem base no planejamento das atividades a médio e longo prazo, no alinhamento com outros setores, na gestão ambiental do espaço turístico com trabalho de parceria entre gestão pública e setor privado, e na conscientização e formação dos stakeholders afetados (Camprubí, Guia e Comas, 2009).

O entendimento sobre o significado de turismo sustentável apresenta variações de acordo com as dimensões utilizadas, referente ao turismo e a sustentabilidade e, é influenciada por aspectos ambientais e políticos (Elmo et al., 2020). De toda forma, para unir turismo e sustentabilidade é preciso considerar a participação de todos os stakeholders que atuam em determinada região, e ainda, proceder a análise sobre a capacidade que determinado espaço físico possui para receber determinado número de turistas (Schussel, 2012).

Frente a maior importância que a sustentabilidade no turismo vem recebendo, inclusive de pesquisadores, cabe ressaltar, que ainda é preciso avançar em aspectos sobre seu significado e/ou objetivos. Ainda há necessidade de aproximar e estudar o desenvolvimento sustentável e o desenvolvimento do turismo (Ayuso, 2007). Os argumentos teóricos favoráveis ao turismo sustentável estão apresentados, contudo a ação englobando tais argumentos ainda não está totalmente implantada (Lansing e Vries, 2007).

Isso se deve, em parte, ao fato de que apesar de sua rápida ascensão, a elo entre turismo e sustentabilidade ainda está em evolução (Vázquez, Tirado-Valencia e Ruiz-Lozano, 2021). Cada vez mais os destinos turísticos precisam manter atenção para oferecer uma experiência primorosa para atrair turistas, de modo a gerar desenvolvimento para a comunidade local, garantir preservação ambiental e gerar lucros para o setor (Durán-Román, Cárdenas-García e Pulido-Fernández, 2021).

Segundo Ayuso (2007) para implantar práticas sustentáveis no setor turístico, algumas barreiras estão presentes: custos mais altos devido aos investimentos de adequação operacional; falta de tempo e conhecimento; riscos na satisfação dos clientes; dificuldade em envolver os trabalhadores; crenças que os hotéis não geram impactos ambientais. O turismo sustentável precisa estar ancorado em informações que garantam confiabilidade quanto aos aspectos sustentáveis. Se faz necessário existirem normas oficiais que ajudem as empresas a trabalharem na direção correta e, ao mesmo tempo, sintam apoio oficial para seu engajamento quanto aos conceitos e práticas de turismo sustentável (Swarbrooke, 2000).

De toda a forma, as empresas já buscam obter certificações com o objetivo de atrair consumidores mais conscientes (Almeida, 2002). No turismo, as certificações têm como objetivo reduzir os impactos ambientais negativos nos recursos naturais dos destinos turísticos, pelo encorajamento a adesão por parte das empresas, pela educação dos turistas no respeito às escolhas e pelas ações por parte das empresas, pela educação dos turistas o respeito às escolhas, bem como pelas ações para desenvolver padrões para produtos e serviços ambientalmente corretos.

Pérez-López et al. (2015) indicam que as empresas tem demonstrado uma postura de maior preocupação com os diversos problemas socioambientais, motivados pela cobrança oriunda das leis, e também pelo anseio da própria sociedade. Outra questão importante é que a realidade estabelecida a partir do COVID-19, além de apresentar uma série de desafios para as empresas que atuam junto ao turismo, em especial hotéis e similares, também sinalizou uma série de mudanças, ligadas à sustentabilidade, necessárias no setor (Jones e Comfort, 2020). O comportamento estratégico das empresas é influenciado de acordo com o entendimento do conceito de sustentabilidade (Claro, Claro e Amâncio, 2008). Assim, atingir sustentabilidade no turismo exige cada vez mais conhecimento profundo da dinamicidade e das especificidades ligadas ao setor, e consciência referente aos impactos gerados (Vázquez et al., 2021).

2.2 Capacidade absorptiva

Capacidade absorptiva foi definida como a habilidade da empresa reconhecer a informação externa, assimilá-la e aplicá-la para fins comerciais (Cohen e Levinthal, 1990). Este conceito conquistou espaço e importância científica no campo da estratégia, principalmente por sua ligação com a inovação e busca por vantagem competitiva. Wang e Ang (2004) demonstraram que apesar da importância do ambiente como aspecto restritivo do contexto dentro do qual as estratégias são desenvolvidas, estas devem ser complementadas pelas capacidades da organização, e dentro delas, a capacidade absorptiva. Assim, ACAP pode ser entendida como a capacidade dinâmica que permite à empresa a criação de valor para ganhar e sustentar a vantagem competitiva.

Nesse processo, a pesquisa e o desenvolvimento, os aspectos cognitivos referentes ao processo de aprendizagem, bem como a comunicação entre a empresa e o ambiente externo, revelam-se fundamentais (Cohen & Levinthal, 1990). Lane e Lubatkin (1998) apresentaram a visão da ACAP referente à capacidade de uma empresa também aprender com outra empresa, sendo determinada pelas características relativas de ambas as organizações. Anos depois, Zahra e George (2002) definiram a capacidade absorptiva como um conjunto de rotinas e processos organizacionais, pelos quais as empresas adquirem, assimilam, transformam e usam conhecimentos, com o objetivo de produzir capacidade dinâmica.

As quatro dimensões apresentadas por Zahra e George (2002) capacitam as empresas a explorarem novos conhecimentos, aumentando o desempenho, e caracterizando a ACAP como uma fonte de vantagem competitiva (Flatten, Engelen, Zahra e Brettel, 2011). Quanto

maior o contato com as fontes externas de conhecimento, maior será o aprendizado da empresa (Ramayah, Soto-Acosta, Kheng e Mahmud, 2020).

No modelo de Zahra e George (2002), os gatilhos de ativação, os mecanismos de interação social e, os regimes de apropriabilidade exercem influência sobre o desempenho. Visualizando a ACAP como uma capacidade dinâmica da empresa que possibilita agilidade estratégica para atuar em ambientes turbulentos e de mudanças rápidas (Zahra e George, 2002), estudos mais recentes buscaram aprofundar questões ainda pouco exploradas, ou negligenciadas.

Pesquisas com ACAP passaram a aprofundar questões específicas para maior entendimento a respeito do tema e seus relacionamentos. Na indústria de softwares abordando o desempenho das empresas (Dasmit e D'Souza, 2013), em empresas de manufatura indígena na Nigéria, envolvendo pesquisa e desenvolvimento e inovação (Dutse, 2013), práticas de gestão de pequenas e médias empresas portuguesas aprofundando questões da gestão do conhecimento e colaboração com parceiros de negócio (Valentin, Lisboa e Franco, 2015).

Esses estudos são possíveis, pois a capacidade absorptiva, especialmente no modelo de Zahra e George (2002) é definida como um processo iterativo, em que o conhecimento precisa ser transformado para contribuir com os processos de mudança, onde o conhecimento é dinâmico, se transformando e ampliado. Desenvolver a ACAP é uma questão importante, pois as empresa que querem sobreviver, precisam desafiar-se e olhar para fora dos seus limites em busca novos conhecimentos (Ramayah et al., 2020).

Referente ao modelo de ACAP de Zahra e George (2002) a aquisição refere-se à capacidade da empresa identificar e obter os conhecimentos externos necessários, sendo influenciada pelo conhecimento prévio, pois será por meio deste que a empresa terá condições de identificar as novas informações. Este processo auxilia para que, quanto mais conhecimento for capturado, maior será a base de inteligência da organização (Liao, 2003), podendo ocorrer por meio de diversas fontes, como clientes, parceiros, concorrentes, universidades (Murovec e Prodan, 2009). A assimilação refere-se à habilidade da empresa analisar, processar, interpretar e compreender o conhecimento externo adquirido. É pela assimilação que a empresa compreende o conhecimento trazido e o internaliza (Jimenez-Barrinuevo, Garcia-Morales e Molina, 2011).

A transformação refere-se á habilidade da empresa de criar e aperfeiçoar procedimentos que facilitam a conciliação dos conhecimentos novos que foram adquiridos e assimilados com os já existentes na empresa (Flatten et al., 2011). Tendo a empresa adquiridos, assimilado e transformado o conhecimento, poderá aplica-lo, e incluí-lo nas suas rotinas. Assim, será possível desenvolver e aprimorar produtos, sistemas, processos e competências.

2.3 Orientação empreendedora

Importante primeiramente apontar a abordagem da orientação empreendedora em relação ao empreendedorismo. Dentro do empreendedorismo, a orientação empreendedora tem recebido atenção, principalmente dos pesquisadores atuantes no campo da estratégia, e como afirmam Lomberg et al. (2017) tornou-se foco da literatura de gestão empresarial. O empreendedorismo se refere capacidade de criação de novos negócios, no nível do empreendedor (Lumpkin e Dess, 1996). O empreendedor é a pessoa que possui a habilidade de identificar uma oportunidade e a operacionaliza para explorar essa oportunidade de negócio (Filion, 1999). O empreendedorismo se refere à pessoa com capacidade de realizar e gerar mudanças na economia por meio de suas atitudes inovadoras (Schumpeter, 1983). Enquanto a OE é a mesma capacidade de realização, contudo no nível organizacional (Miller, 1983).

O termo orientação empreendedora (OE) foi definido por Miller (1983) como sendo a atividade de uma empresa de se sujeitar a riscos. OE é uma atitude tomada pela empresa, determinada por constantes inovações em produtos e tecnologia, alta competição e elevada aceitação em assumir riscos (Covin e Slevin, 1989). As empresas que não possuem orientação empreendedora são aquelas mais conservadoras que inovam pouco e são cautelosas com relação às mudanças (Miller, 1983). Subjacente à análise da EO está a forma como as novas oportunidades de negócios são exploradas pelas empresas (Hernández-Perlines, Covin, Ribeiro-Soriano, 2021).

A orientação empreendedora corresponde às práticas de estratégias na condução dos negócios por meio de processos, ações, e atividade de tomada de decisão, com o intuito de criar novas oportunidades (Lumpkin e Dess, 1996). É um constructo estratégico relacionado às preferências e comportamentos gerenciais dentro da empresa (Covin, Green e Slevin, 2006), constituindo-se como importante tema na identificação do perfil empreendedor da empresa e suas influências nas estratégias organizacionais e no desempenho (Rauch, Eiklund, Lumpkin e Frese, 2009).

Seguindo a perspectiva de Miller (1983) a OE possui três atributos: busca por inovação; capacidade de assumir riscos; criatividade. Além destas dimensões, o autor argumenta que a orientação empreendedora possui natureza unidimensional, defendendo que as três dimensões favorecem a constituição da OE, caracterizando com empreendedora a organização que possua todas as três dimensões em níveis elevados. Posteriormente foram acrescentadas a autonomia e a agressividade competitiva (Lumpkin e Dess, 1996). Esses últimos autores passaram a entender a OE com uma natureza multidimensional. Reconhecer as dimensões da OE auxilia a melhorar o desempenho dos negócios (Barki et al., 2015).

Para uma empresa possuir OE, não há necessidade de que todas as dimensões estejam presentes em iguais proporções. A abordagem multidimensional compreende a necessidade da existência das dimensões, porém não há obrigatoriedade da manifestação destas em níveis semelhantes, podendo ser manifestadas em intensidades diversas (Lumpkin e Dess, 1996). Estudos a respeito das dimensões e das abordagens unidimensional ou multidimensional de OE se intensificaram ao longo dos anos, contudo a maior parte dos pesquisadores do tema adota as três dimensões propostas por Miller (Santos, Alves e Bitencourt, 2015). Entretanto, com relação à abordagem unidimensional ou multidimensional, tem crescido nos últimos anos estudos que abordando um caráter multidimensional (Santos et al., 2015).

Nem sempre o efeito da EO nas práticas das empresas é percebido de forma direta e/ou simples (Hernández-Perlines, Moreno-García e Yáñez-Arque, 2017). As condições internas e externas atuam como forças capazes de influenciar os efeitos da EO nas práticas das empresas, em especial no desempenho (Hernández-Perlines et al., 2021) constituindo-se como um valioso indicador do sucesso da empresa (Kraus, Rigtering, Hughes e Hosman, 2012). A orientação empreendedora auxilia as empresas a adotar novas práticas de pensar e de agir de forma mais disruptiva, rompendo laços e hábitos existentes (Arya, Horak, Bacouel-Jentjens e Ismail, 2021). A EO constitui-se então em uma postura estratégica que captura a vontade de determinadas empresas para um comportamento empreendedor (Kohtamäki, Heimonen e Heikkilä, 2020).

2.4 Hipóteses de pesquisa

A literatura apresenta variados aspectos relacionados a capacidade da empresa adquirir, assimilar, transformar e aplicar conhecimentos externos em ações de sustentabilidade. Assim como em outros setores, no turístico ainda é necessário aprofundar o entendimento na busca por compreender os impactos gerados pela circulação de informações e do conhecimento para legitimação do turismo sustentável (Hall, 2019). Isso porque as

atividades que fazem parte do turismo estão relacionadas diretamente com questões estruturais do desenvolvimento sustentável (Durán-Román et al., 2021).

Entende-se que o crescimento e a consolidação do turismo como uma das principais atividades socioeconômicas traz em seu bojo a responsabilidade de colaborar para o desenvolvimento sustentável, mediante a incorporação de práticas que busquem zerar possíveis impactos negativos, ambientais, sociais e econômicos (OMT, 2004). A capacidade absorptiva possibilita a empresa buscar conhecimentos externos para agir com as regulamentações ambientais e conscientização ambiental dos clientes, na busca por obter vantagem competitiva sustentada (Martelo-Landroguez, Albort-Morant, Leal-Rodríguez, & Ribeiro-Soriano, 2018).

A ACAP é uma facilitadora na implantação de estratégias sustentáveis, uma vez que as empresas podem combinar informações econômicas, sociais e ambientais externas que foram, anteriormente identificadas e assimiladas, com os conhecimentos internos que já adquiriram ou desenvolveram (Barcelos, Magnago, Alberton, & Rossetto, 2018). A ACAP pode agir como impulsionadora para que as empresas adotem ações de sustentabilidade econômica, social e ambiental (Dzhengiz e Niesten, 2019), pois ao acumular conhecimentos, a empresa passa a ter a possibilidade de desenvolver tais ações (Liu, Zhang e Ye, 2019). Então, a capacidade da empresa em desenvolver sua ACAP apresenta relevante importância na adoção de práticas que envolvam aspectos da sustentabilidade (Padilha, Piekas, Kuzma, Begnini e Carvalho, 2020), pois ao desenvolver a ACAP as empresas melhoram a adoção de sustentabilidade em seus processos e produtos (Riikkinen, Kauppi, e Salmi, 2017). Com isso, primeira hipótese que foi testada é:

H1: Capacidade absorptiva possui efeito direto e positivo na sustentabilidade.

A capacidade absorptiva da empresa também impacta diretamente no alcance dos objetivos traçados (Hernández-Perlines et al., 2017), visto que o sucesso da empresa depende de sua habilidade em aplicar novos conhecimentos anteriormente identificados e assimilados (Jansen, Vanden Bosch e Volberda, 2005). A identificação de oportunidades é fundamental para a orientação empreendedora que segundo Venkatraman (1989) envolve assumir riscos. Caso a empresa não possua ACAP, mesmo desenvolvendo sua orientação empreendedora, terá menos oportunidades, pois terá menor habilidade em reconhecer novas informações (Sorescu, Chandu e Prabhu, 2003). Neste sentido, a orientação empreendedora é determinada, em algum grau, pela capacidade absorptiva (Zahra, Filatotchev e Wright, 2009; Sciascia, D'Oria, Bruni e Larrañeta, 2014). E a ACAP pode atuar como uma força que auxilia nos resultados positivos da EO (Kohtamäki, Heimonen e Heikkilä, 2020). Portanto, a seguinte hipótese foi testada:

H2: Capacidade absorptiva possui efeito direto e positivo em orientação empreendedora.

No tocante a orientação empreendedora, a busca por compreender as novas oportunidades de criar bens e serviços e de explorá-los, passa pela preocupação com a sustentabilidade econômica, social e ambiental (Portugal, Silva, Júnior e Alves, 2017). Nessa busca da empresa por reconhecer e explorar oportunidades, a orientação empreendedora impacta diretamente nas ações de sustentabilidade (Divito e Bohnsack, 2017). Possuir orientação empreendedora possibilita construir alternativas capazes de influenciar positivamente as questões relacionadas à sustentabilidade (Pacheco, Dean e Payne, 2010). A orientação empreendedora gera efeitos positivos nas ações econômicas, sociais e ambientais das empresas, entendidas como desempenho organizacional (Abbade, Mores e Spanhol, 2014). Seguindo, a terceira hipótese testada é:

H3: Orientação empreendedora possui efeito direto e positivo em sustentabilidade

3 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa caracteriza-se como quantitativa e descritiva, do tipo *survey* com foco em dados primários originais. O instrumento de pesquisa foi aplicado junto aos principais executivos dos meios de hospedagem de nove regiões turísticas do estado de Santa Catarina (Serra Catarinense, Caminho dos Cânions, Costa Verde e Mar, Caminhos da Fronteira, Caminho dos Príncipes, Grande Oeste, Vale Europeu, Grande Florianópolis e Vale do Contestado), conforme a Agência de Desenvolvimento do Turismo de Santa Catarina (SANTUR). A mostra é composta por 83 meios de hospedagem distribuídos nas nove regiões turísticas do estado catarinense.

O instrumento de coleta de dados foi formado por escala do tipo Likert de 7 pontos. Assim, é possível tratar os dados como numéricos, permitindo testes baseados na análise fatorial, na regressão e na covariância, o que possibilitou tanto o agrupamento empírico das empresas, quanto o teste das hipóteses relacionadas a este construto, tendo em vista a modelagem de equações estruturais se caracteriza como uma combinação de análise fatorial e de regressão múltipla (Hair, Black, Babin e Anderson, 2014).

A capacidade absorviva foi operacionalizada com base no modelo de Zahra e George (2002) e foi mensurada por seis assertivas construídas com base no trabalho de Tenconi (2015). Neste estudo foi proposto um modelo de mensuração de ACAP, no qual resultou em um questionário de mediação válido e confiável direcionado ao contexto brasileiro. O constructo orientação empreendedora foi operacionalizado com base em Lumpkin e Dess (1996). A escala utilizada foi desenvolvida por Martens et al. (2015) e, neste trabalho, adaptada para o setor de hospedagens em destinos turísticos. O constructo sustentabilidade foi mensurada por sete assertivas. A escala foi construída com base nos trabalhos de Ayuso (2007), Vithessonthi (2009), Rivera e Leon (2005) e, Robinot e Gianneloni (2009, 2010).

3.1 Técnica de análise dos resultados

Após os dados terem sido coletados buscou-se averiguar possíveis casos faltantes. Não houve problemas quanto a isso. No passo seguinte foi averiguada a existência de *Outliers*, que não foram identificados. Passou-se então a realizar uma análise descritiva dos dados. Utilizando o software SmartPLS3 foram calculadas as relações de efeito entre os constructos. Antes disso foi realizada a validação dos constructos, conforme descrito na apresentação dos resultados.

4 Apresentação dos resultados

Inicialmente apresenta-se uma análise estatística descritiva dos dados, conforme Tabela 1.

Tabela 1 - Estatística Descritiva

	N	Mínimo	Máximo	Média	D. Padrão	Variância	Assimetria	Erro	Curtose	Erro
ACAP1	83	1	7	5,34	1,540	2,373	-1,306	0,264	1,692	0,523
ACAP2	83	1	7	5,13	1,737	3,019	-0,995	0,264	0,170	0,523
ACAP3	83	1	7	5,08	1,632	2,664	-0,984	0,264	0,263	0,523
ACAP4	83	1	7	5,25	1,413	1,996	-1,128	0,264	1,442	0,523
ACAP5	83	1	7	5,40	1,538	2,364	-1,256	0,264	1,427	0,523
ACAP6	83	1	7	5,00	1,739	3,024	-0,927	0,264	0,049	0,523

EO1	83	1	7	5,10	1,643	2,698	-1,038	0,264	0,506	0,523
EO2	83	1	7	5,58	1,697	2,881	-1,303	0,264	0,947	0,523
EO3	83	1	7	3,93	1,924	3,702	-0,042	0,264	-1,114	0,523
EO4	83	1	7	4,86	1,815	3,296	-0,669	0,264	-0,484	0,523
EO5	83	1	7	3,98	1,774	3,146	-0,030	0,264	-0,976	0,523
EO6	83	1	7	5,19	1,871	3,499	-0,929	0,264	-0,257	0,523
EO7	83	1	7	5,08	1,733	3,005	-0,939	0,264	0,212	0,523
SUST1	83	1	7	5,84	1,477	2,182	-1,467	0,264	1,717	0,523
SUST2	83	1	7	5,48	1,588	2,521	-1,212	0,264	1,267	0,523
SUST3	83	1	7	4,16	2,293	5,256	-0,234	0,264	-1,468	0,523
SUST4	83	1	7	4,60	2,147	4,608	-0,587	0,264	-1,045	0,523
SUST5	83	1	7	5,14	1,822	3,320	-0,926	0,264	-0,134	0,523
SUST6	83	1	7	4,82	2,025	4,101	-0,695	0,264	-0,811	0,523
SUST7	83	1	7	4,93	1,937	3,751	-0,649	0,264	-0,821	0,523

Nota-se, conforme Tabela 1, que todas as assertivas contaram com 83 respondentes. Considerando que a escala era de 7 pontos, em todas as assertivas houve ao menos um respondente optando pelo nível mais baixo de resposta e ao menos um pelo nível mais alto. A média de resposta de todas as assertivas permaneceu superior ao ponto central da escala. As variáveis apresentam assimetria negativa, indicando a existência de poucos valores pequenos e, em comparação a curva normal, apresenta-se cauda à esquerda (Hair et al, 2014). Verifica-se que os dados tendem à normalidade, visto que os valores não superam 2 para assimetria e 7 para curtose (Kleni, 2015; Finney & DiStefano, 2013).

Neste estudo foi utilizado modelo reflexivo (Hair et al., 2017). A avaliação do modelo de mensuração deve considerar a confiabilidade composta (composite reliability), a validade convergente (variance extracted), a confiabilidade do indicador (indicator reliability) e a validade discriminante (discriminant validity) (Nascimento e Macedo, 2016). Na sequência passa-se a avaliação do modelo estrutural considerando os r^2 (coeficiente de determinação), Q^2 (relevância preditiva), tamanho e significância do β (coeficiente de caminho), f^2 e q^2 (tamanho dos efeitos) (Hair et. al., 2014).

Para chegar a validação do modelo de mensuração foram seguidos todos os critérios indicados pela literatura. Analisou-se a validade convergente onde o valor de da Variância Média Extraída (AVE) precisa ser superior a 0,50. Também foi averiguada a validade discriminante pelo critério de Fornell-Larcker. A confiabilidade foi atestada pela confiabilidade composta (CC) que precisam apresentar valores superiores a 0,70 (Hair, Hult, Ringle e Sarstedt, 2017).

A Tabela 2 apresenta os valores referentes a validade discriminante, validade convergente e confiabilidade composta. Para validade discriminante utilizou-se o critério de Fornell-Larcker onde os valores da raiz quadrada da AVE (em negrito na diagonal) precisam ser maiores que os valores das correlações. Para validade convergente utilizou-se a variância média extraída (AVE) onde os valores precisam ser superior a 0,50. Neste caso, nota-se, na Figura 1, que em relação ao modelo inicial foi necessário excluir algumas variáveis observadas (EO2, EO6, SUST1 E SUST6).

Nota-se a existência de cargas com valores inferiores a 0,7 e superiores a 0,4. Essas foram analisadas e testadas chegando a decisão de mantê-las, seguindo o recomendado pela literatura e também considerando que a AVE já possui valor superior a 0,50. Indicadores com cargas externas mais baixas (entre 0,4 e 0,7) devem ser analisado e não simplesmente excluídos, pois podem apresentar forte contribuição para a validade do conteúdo (Hair et al., 2017).

Tabela 2 – Validade discriminante, validade convergente e confiabilidade composta

	ACAP	EO	Sustainab	AVE	CC
ACAP	0,888			0,78	0,95
EO	0,505	0,718		0,51	0,84
Sustainab	0,400	0,408	0,721	0,52	0,83

* Valores da diagonal é a raiz quadrada do AVE

* Todas as correlações são significantes a 0,01

Para atestar a validade discriminante, confirmando que os constructos são independentes uns dos outros, também foram calculadas as cargas cruzadas, apresentadas na Tabela 3. Com as cargas cruzadas nota-se que realmente há validade discriminante, pois as cargas fatoriais mais altas estão carregadas em cada indicador no constructo ao qual pertence. A Tabela 4 mostra que os valores do fator inflação da variância (VIF) estão dentro do aceitável, pois nenhum superou o valor de 10. Os valores apresentados mostram que algumas variáveis apresentam multicolinearidade, mas dentro dos valores aceitáveis.

Tabela 2 - Cargas cruzadas: validade discriminante

	ACAP	EO	Sustainab
ACAP1	0,844	0,316	0,342
ACAP2	0,901	0,460	0,391
ACAP3	0,907	0,505	0,427
ACAP4	0,929	0,481	0,341
ACAP5	0,907	0,394	0,303
ACAP6	0,836	0,495	0,266
EO1	0,325	0,668	0,383
EO3	0,304	0,785	0,282
EO4	0,417	0,764	0,099
EO5	0,492	0,761	0,214
EO7	0,249	0,592	0,431
SUST2	0,160	0,203	0,439
SUST3	0,354	0,351	0,790
SUST4	0,270	0,379	0,820
SUST5	0,319	0,233	0,816
SUST7	0,301	0,268	0,666

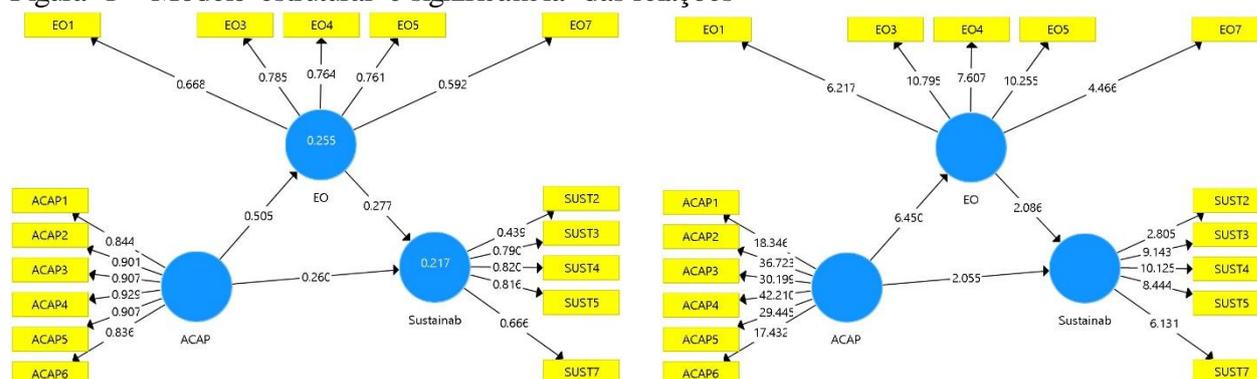
* Todas as cargas significativas a 0,001

Tabela 3 - Fator de Inflação da Variância

Variável	VIF
ACAP1	3,141
ACAP2	3,916
ACAP3	3,836
ACAP4	5,080
ACAP5	4,229
ACAP6	3,017
EO1	1,307
EO3	2,171
EO4	2,312
EO5	1,795
EO7	1,301
SUST2	1,172
SUST3	1,902
SUST4	2,150
SUST5	2,083
SUST7	1,469

O modelo estrutural e a significância (teste-t) estão apresentadas na Figura 1.

Figura 1 – Modelo estrutural e significância das relações



Observa-se que a capacidade absorptiva gera efeito sobre a orientação empreendedora. Assim, 25,5% (r^2 0,255) da variação dos dados no constructo EO é determinado pela influência da ACAP. Nota-se também que juntos, os constructos ACAP e EO explicam 21,7% (r^2 0,217) da variação dos dados no constructo sustentabilidade.

Utilizando a rotina do *bootstrapping* do PLS, foi realizado o teste t. Para tanto se utilizou o número de 5000 mil sub-amostras. Conforme identificado na Figura 1, todos os valores mostraram-se estatisticamente significativos. Com isso é possível apresentar os resultados das hipóteses, constantes na Tabela 5.

Tabela 5 - Teste de hipóteses

Hipótese	Relação	Coefficiente Estrutural	DP	t-valor	p-valor	Situação
H1	ACAP -> EO	0,505	0,078	6,450	0,000	Suportada
H2	ACAP -> Sustainab	0,260	0,126	2,055	0,040	Suportada
H3	EO -> Sustainab	0,277	0,133	2,086	0,037	Suportada

Com os testes de hipóteses realizados as três hipóteses foram confirmadas: (i) capacidade absorptiva apresenta efeito direto e positivo na orientação empreendedora; (ii) capacidade absorptiva gera efeito direto e positivo na sustentabilidade; (iii) orientação empreendedora gera efeito direto e positivo na sustentabilidade.

5 Discussão dos resultados

Este estudo buscou aprofundar a relação entre a competitividade, analisada a partir da ACAP e da orientação empreendedora, e a sustentabilidade econômica, social e ambiental. Para tanto se considerou a percepção dos gerentes dos meios de hospedagens dos principais destinos turísticos do estado de Santa Catarina. É consenso entre os autores que é preciso existir certo equilíbrio entre as ações econômicas, sociais e ambientais para que a empresa consiga desenvolver práticas sustentáveis (Malvestiti, Esteves e Dandolini, 2021). Outro aspecto que merece atenção é o a crescente conscientização por parte dos consumidores em relação aos aspectos sustentáveis praticados pelas empresas (Hsu e Liao, 2014).

Se na indústria há essa preocupação dos consumidores, no setor turístico não é diferente. Assim, os participantes do setor turístico também precisam estar atentos a utilização consciente dos recursos naturais, respeitando a sociedade, gerando benefícios locais aos envolvidos no processo e desenvolvendo uma economia de longa durabilidade (Elmo et al., 2020). Destaca-se que o desenvolvimento de práticas de sustentabilidade está relacionada ao desenvolvimento da ACAP (Dzhengiz e Niesten, 2019).

Voltando atenção para essa importante questão, a primeira hipótese deste estudo, indica que a capacidade absorptiva possui efeito direto e positivo na sustentabilidade. O resultado encontrado indica que ACAP influencia na sustentabilidade e corrobora com os achados do estudo de Padilha et al. (2020) onde verificou-se que capacidade absorptiva mantém efeito positivo sobre ACAP. Os resultados também vão ao encontro do exposto por Gallego-Alvarez, Prado-Lorenzo e García-Sánchez (2011) de que os negócios estão cada vez mais incorporando práticas de sustentabilidade.

O suporte da hipótese um também está alinhado com a teoria, uma vez que para atuar no mercado industrial, comercial ou turístico, as empresas ou organizações têm, a partir da capacidade absorptiva, a possibilidade de buscar conhecimentos externos voltados ao desenvolvimento de práticas sustentáveis, seja de regulamentações ambientais, de

comportamentos sociais, ou mesmo de preferências dos consumidores (Martelo-Landroguez et al., 2018). Visualizando que a ACAP e as práticas sustentabilidade são processos complexos e difíceis de serem imitados, possibilitam a obtenção de vantagem competitiva frente aos concorrentes (Roszkowska-Menkes, 2018).

A pesquisa também confirmou a hipótese 2 por meio da qual foi expresso que capacidade absorptiva possui efeito direto e positivo em orientação empreendedora. Neste mesmo sentido, considerando o setor de hoteleiro de Florianópolis, Sbissa et al. (2018) testaram a hipótese de que quanto maior a capacidade absorptiva do setor de hotel, maior será sua orientação empreendedora, e os resultados sustentaram a hipótese. Assim, nota-se que, no setor turístico, a capacidade absorptiva gera orientação empreendedora. ACAP, sendo antecessora atua de modo a auxiliar a EO a alcançar melhores resultados (Kohtamäki, Heimonen e Heikkilä, 2020).

A capacidade absorptiva possibilita que as empresas captem, transforme e utilizem estrategicamente os conhecimentos externos. Os conhecimentos constituem-se como capital fundamental para as empresas e a ACAP auxilia a entender o processo aquisição de novos conhecimentos para alcançar vantagem competitiva e melhor desempenho (Garzón-Castrillón, 2016). Assim, possuir orientação empreendedora e não possuir ACAP dificulta a vida da empresa, pois o acesso a oportunidades diminui visto que o reconhecimento das informações importantes não é realizado plenamente (Sorescu, Chandy e Prabhu, 2003). A ACAP possibilita melhorar a habilidade da empresa de reconhecer a aproveitar novas oportunidades e por isso atua como uma influenciadora da orientação empreendedora (Zahra, Filatotchev e Wrigth, 2009).

A hipótese 3 também recebeu suporte, significando que orientação empreendedora influencia direto e positivamente a sustentabilidade. Sendo que a orientação empreendedora age como uma força que impulsiona as empresas a adotarem práticas inovadoras, capaz de romper laços mais conservadores (Arya et al., 2021) o resultado da hipótese 3 está em acordo com o esperado. Ao buscarem implementar ações de sustentabilidade, que podem ser inovadoras, a OE aparece como antecessora influenciando a sustentabilidade.

Cabe um destaque para a importância que a ação empreendedora tem para o desenvolvimento econômico, para a distribuição de renda e redução da pobreza (Portugal et al., 2017), seja para local, regional ou nacionalmente. Inclusive, vários estudos vêm sendo produzidos abrangendo o empreendedorismo sustentável (Dixon e Clifford, 2007; Portugal et al., 2021). Assim, a sustentabilidade em seus três pilares (econômico, social e ambiental) passam a apresentar um novo viés ao empreendedorismo (Cohen e Winn, 2007).

Adotar ações de sustentabilidade na sua realidade cotidiana desafia as empresas a buscarem maior inovação, criatividade e assumir riscos. Esses justamente são os atributos da Orientação Empreendedora apontados por Miller (1983). Ao inovar, desenvolver a criatividade e assumir riscos as empresas estarão buscando ser mais competitivas e diferenciar-se no mercado.

6 Considerações finais

O objetivo principal deste estudo foi analisar a influência da capacidade absorptiva e da orientação empreendedora na sustentabilidade econômica, social e ambiental, no setor de hospedagens dos principais destinos turísticos de Santa Catarina. Com fulcro na literatura do campo foram elaboradas três hipóteses de pesquisa. Com base nos resultados entende-se que desenvolver práticas de absorção de conhecimento é importante para as empresas que atuam no turismo. Assim, quanto mais conhecimento adquirido, assimilado, transformado e aplicado, maiores serão os resultados em práticas de sustentabilidade, bem na orientação empreendedora.

Buscou-se, neste estudo, tornar mais presente a discussão sobre ACAP, EO e sustentabilidade no setor turístico, possibilitando a geração de *insights* de modo a contribuir tanto nos aspectos acadêmicos como gerenciais. Assim, o estudo contribui com os executivos do setor de hospedagens de destinos turísticos na medida em que indica a necessidade de manter atenção aos conhecimentos que estão fora da empresa, mas que precisam ser identificados para posterior utilização gerando melhorias nas ações empreendedoras e na geração de sustentabilidade econômica, social e ambiental, possibilitando diferenciar-se de seus concorrentes. Esses conhecimentos externos podem estar nos fornecedores, nos clientes, na concorrência ou mesmo em órgão de regulamentação, controle e fiscalização. E indica que os executivos do setor de hospedagens de destinos turísticos precisam manter atenção especial ao ambiente externo para manter-se competitivo no mercado.

Outra contribuição desta pesquisa volta-se para a academia, na medida em que identifica, mostra e confirma a capacidade absorptiva como antecessora da orientação empreendedora e essas duas, como geradoras de efeito na sustentabilidade. Então, na medida em que o conhecimento é identificado, compreendido e assimilado, ele pode ser utilizado para gerar resultados positivos, influenciando a ação empreendedora. E quanto às ações relacionadas à sustentabilidade, as empresas terão maior sucesso ao desenvolverem sua ACAP, bem como seu entendimento e aprofundamento das ações relacionadas à orientação empreendedora.

Este estudo apresenta limitações frente ao método quantitativo utilizado, uma vez que não foram identificadas e discutidas as efetivas ações realizadas pelas empresas do setor turístico voltadas à sustentabilidade, à ACAP e à EO. Sugere-se que outros estudos qualitativos possam ser realizados buscando identificar as ações que são desenvolvidas e implantadas pelas empresas considerando esses três aspectos. Outra limitação refere-se ao recorte geográfico, pois foram consideradas somente as principais regiões catarinenses com destinos turísticos. Futuros estudos podem abordar outras regiões brasileiras que também apresentam relevância turística, ampliando a discussão e o entendimento gerencial e acadêmico.

Referências Bibliográficas

- Abbade, E. B., Mores, G. V. and Spanhol, C. P. (2014). The Impact of Entrepreneurial Orientation on Sustainable Performance: Evidence of MSMEs from Rio Grande do Sul. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 8(2), 49-62.
- Angelkova, T., Koteski, C., Jakovlev, Z. and Mitrevska, E. (2012). Sustainability and Competitiveness of Tourism. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 44, 221-227. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2012.05.023>
- Almeida, F. O bom negócio da sustentabilidade. Nova Fronteira: Rio de Janeiro.
- Arya, B., Horak, S., Bacouel-jentjens, S. and Ismail, K. (2021). Leading entrepreneurial sustainability initiatives in emerging economies. *International Journal of Emerging Markets*. <https://doi.org/10.1108/IJOEM-08-2020-0951>
- Ayuso, S. (2007). Comparing Voluntary Policy Instruments for Sustainable Tourism: The Experience of the Spanish Hotel Sector. *Journal of Sustainable Tourism*, 15(2), 144-159. <http://10.2167/jost617.0>
- Barcelos, R. L., Magnago, R. F., Alberton, A. and Rossetto, C. R. (2018). Desenvolvimento sustentável e capacidade absorptiva: conectando os temas através de revisão sistemática e bibliométrica, 7^o *International Workshop Advances in Cleaner Production*, June, 21 and 22, Barranquilla, Colômbia.
- Barki, E., Comini, G., Cunliffe, A., Hart, S., and Rai, S. (2015). Social entrepreneurship and social business: Retrospective and prospective research. *Revista de Administração de Empresas*, 55(4) 380-384. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020150402>
- Belz, F. M. and Dinder, J. K. (2015). Sustainable Entrepreneurship: A Convergent Process Model. *Business Strategy and the Environment*, 26(1). 1-17. <https://doi.org/10.1002/bse.1887>

- Camprubí, R., Guia, J. and Comas, J. (2009). La formación de la imagen turística inducida: um modelo conceptual. *Passos*, 7(2), 255-270.
- Claro, P. B. D. O., Claro, D. P., and Amâncio, R. (2008). Understanding the sustainability concept in organizations. *Revista de Administração Da USP - RAUSP*, 43(4), 289–300. <https://doi.org/10.1590/S0080-21072008000400001>
- Cohen, W. M., and Levinthal, D. A. (1990). Absorptive Capacity: A New Perspective on Learning and Innovation. *Administrative Science Quarterly*, 35(1), 128. <https://doi.org/10.2307/2393553>
- Cohen, B. and Winn, M. Market Imperfections, opportunity and sustainable entrepreneurship. *Journal of Business Venturing*. 22, 29-49.
- Covin, J. G., Green, K. M. and Slevin, D. P. (2006). Strategic process effects on the entrepreneurial orientation-sales growth rate relationship. *Entrepreneurship theory and practice*, 30(1), 57-81.
- Covin, J. G. and Slevin, D. P. (1989). Strategic management of small firms in hostile and benign environments. *Strategic Management Journal*, 10(1), 75-87.
- Daspit, J. J. and D'Souza, D. E. (2013). Understanding the Multi-Dimensional Nature of Absorptive Capacity. *Journal of Managerial Issues*, 25(3). 299-316.
- Davies, I. A. and Chambers, L. (2018). Integrating hybridity and business model theory in sustainable entrepreneurship. *Journal of Cleaner Production*, 177, 378-386. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2017.12.196>
- DiVito, L. and Bohnsack, R. (2017). Entrepreneurial orientation and its effect on sustainability decision tradeoffs: The case of sustainable fashion firms, *Journal of Business Venturing*, 32(5), 569-587. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2017.05.002>
- Dixon, S. E. and Clifford, A. (2007). Ecopreneurship: a new approach to managing the tripple bottom line. *Journal of Organizational Change Management*, 20(3), 326-344.
- Durán-Román, J. L., Cárdenas-Gracia, P. J. and Pulido-Franández, J. I. (2021). Tourists' willingness to pay to improve sustainability and experience at destination. *Journal of Destination Marketing & Management*, 19, 1-12. <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2020.100540>
- Dutse, A. Y. (2013). Linking absorptive capacity with innovative capabilities: A survey of manufacturing firms in Nigeria. *International Journal of Technology Management & Sustainable Development*, 12(2). https://doi.org/10.1386/tmsd.12.2.167_1
- Dzhengiz, T., and Niesten, E. (2019). Competences for Environmental Sustainability: A Systematic Review on the Impact of Absorptive Capacity and Capabilities. *Journal of Business Ethics*, 162, 1-26.
- Elmo, G. C., Arcese, G., Valeri, M., Poponi, S. and Pacchera, F. (2020). Sustainability in Tourism as an Innovation Driver: An Analysis of Family Business Reality. *Sustainability*, 12(15), 1-14. <https://doi.org/10.3390/su12156149>
- Elkington, J. (1999). Triple bottom-line reporting: Looking for balance. *Australian CPA*, 69(2), 18–21. Retrieved from <http://0-search.proquest.com.wam.leeds.ac.uk/>
- Filion, L. J. (1999). Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de administração*, 34(2), 05-28.
- Finney, S., and DiStefano, C. (2013). Nonnormal and categorical data in structural equation modeling. In G. Hancock & R. Mueller (Eds.), *Structural Equation Modeling: a second course*. 2 ed., 439–492. Charlotte: Information Age Publishing.
- Flatten, T. C., Engelen, A., Zahra, S. A. and Brettel, M. A. (2011). Measure of absorptive capacity: scale development and validation. *European Management Journal*, 29(2), 98-116.
- Gallego-Álvarez, I., Prado-Lorenzo, J. M. and Gracia-Sánchez, I-M. Corporate social responsibility and innovation: a resource-based theory. *Management Decision*, 49(10) 1709-1727. <http://DOI 10.1108/00251741111183843>
- Garzón-Castrillón, M. A. (2016). Capacidad dinámica de absorción. Estudio de caso. *Orinoquia*, v. 20, n. 1, p. 97-118.
- Hair, J. F., Hult, G. T. M., Ringle, C. M. and Sarstedt, M. (2017). A primer on partial least squares structural equation modeling (PLS-SEM). 2 ed., Sange: Los Angeles.
- Hair, J. F., Black, E. C., Babin, B. J. and Anderson, R. E. (2014). *Multivariate Data Analysis*. 7 ed. Pearson: Harlow.

- Hall, C. M. (2019). Constructing sustainable tourism development: The 2030 agenda and the managerial ecology of sustainable tourism. *Journal fo Sustainable Rourism*, 27(7), 1044-1060. <https://doi.org/10.1080/09669582.2018.1560456>
- Hernández-Perlines, F., Covin, J. G. and Ribeiro-Soriano, D. (2021). Entrepreneurial orientation, concern for socioemotional wealth preservation, and family firm performance. *Journal of Business Research*, 126, 197-208. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2020.12.050>
- Hernández-Perlines, F., Moreno-Garcia, J. and Yáñez-Araque, B. (2017). Family firm performance: The influence of entrepreneurial orientation and absorptive capacity. *Psychology & Marketing*, 34(11), 1057-1068. <https://doi.org/10.1002/mar.21045>
- Hsu, C. L. and Liao, Y. C. (2014). Sustainability strategies and reverse logistics management: A contingent link. ICMIT 2014-2014 IEEE International Conference on Management of Innovation and Technology, 500-507 Singapore. Catalog Number: CFP14795-POD.
- Jansen, J. J. P., Van den Bosch, F. A. J. and Volberda, H. W. (2005). Managing potential and realized absorptive capacity: How do organizational antecedents matter? *Academy of Management Journal*, 48(6), 999–1015.
- Jimenez-Barrionuevo, M. M., García-Morales, V. and Molina, L. M. (2011). Validation of an instrument to measure absorptive capacity. *Technovation*, 31(5-6), 190-202. <https://doi.org/10.1016/j.technovation.2010.12.002>
- Jones, P. and Comfort, D. (2020). The COVID-19 Crisis, Tourism and Sustainable Development. *Journal of Turism*, 7(2), 75-86. [10.30958/ajt/v7i2](https://doi.org/10.30958/ajt/v7i2)
- Katja, C., Miroslav, R., Barbara, B. H. and Doris, O. G. (2014). Building a model of researching the sustainable entrepreneurship in the tourism sector. *Entrepreneurship in tourism sector*, 43(3/4), 377-393. <https://doi.org/10.1108/K-07-2013-0155>
- Kline. R. (2015). Principles and practices of structural equation modelling. In *Methodology in the social sciences* . 4 ed. New York: The Guilford Press.
- Kohtamäki, M., Heimonen, J., Sjödin, and Heikkilä, V. (2020). Strategic agility in innovation: Unpacking the interaction between entrepreneurial orientation and absorptive capacity by using practice theory. *Journal of Business Research*, 118, 12-25. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2020.06.029>
- Kraus, S., Rigtering, J. C., Hughes, M. and Hosman, V. (2012). Entrepreneurial orientation and the business performance of SMEs: A quantitative study from the Netherlands. *Review of Managerial Science*, 6(2), 161–182.
- Lansing, P. and Vries, P. (2007). Sustainable Tourism: ethical alternatice or marketing ploy? *Journal of Business Ethics*, 72, 77-85. <http://10.1007/s10551-006-9157-7>
- Lane, P. J. and Lubatkin, M. H. (1998). Relative absorptive capacity and interorganizational learning. *Strategic Management Journal*, 19(5), 461-477. [http://10.1002/\(SICI\)1097-0266\(199805\)19:5<461::AID-SMJ953>3.3.CO;2-C](http://10.1002/(SICI)1097-0266(199805)19:5<461::AID-SMJ953>3.3.CO;2-C)
- Liao, S. (2003). Knowledge management technologies and applications: literatures review from 1995 to 2002. *Expert Systems with Applications*, 25, 155-164.
- Liu, L., Zhang, M., and Ye, W. (2019). The adoption of sustainable practices: A supplier's perspective. *Journal of Environmental Management*, 232, 692–701. <http://10.1016/j.jenvman.2018.11.067>
- Lumpkin, G. T. and Dess, G. G. (1996). Clarifying the Entrepreneurial Orientation Construct and Linking It to Performance. *Academy of Management Review*, 21(1), 135-172. <https://doi.org/10.2307/258632>
- Lomberg, C., Urbig, D., töckmann, C., Marino, L. D. and Dickson, P. H. (2017). Entrepreneurial Orientation: The Dimensions' Shared Effects in Explaining Firm Performance. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36, 1-26. <https://doi.org/10.1111/etap.12237>
- Nascimento, J. C. H. B. and Macedo, M. A. S. (2016). Modelagem de Equações Estruturais com Mínimos Quadrados Parciais: um Exemplo da Aplicação do SmartPLS® em Pesquisas em Contabilidade. *Journal of Education and Research in Accounting*, 10(3), 289-313.
- Malvestiti, R. Esteves, D. B. L. and Dandolini, G. A. (2021) Absorptive capcity as feedback on the sustainability of organizations. *RAM*, 22(1), 1-28. <http://doi:10.1590/1678-6971/eRAMR210073>

- Martelo-Landroguez, S., Albort-Morant, G., Leal-Rodríguez, A., & Ribeiro-Soriano, B. (2018). The Effect of Absorptive Capacity on Green Customer Capital under an Organizational Unlearning Context. *Sustainability*, 10(1), 265. <https://doi.org/10.3390/su10010265>
- Martens, C. D., Carneiros, K., Martens, M. and Silva, D. (2015). Relationship between entrepreneurial orientation and project management maturity in Brazilian software firms. *Iberoamerican Journal of Strategic Management*, 14(2), 72-91.
- Miller, D. (1983). The correlates of entrepreneurship in three types of firms. *Management Science*, 29(7), 770-791.
- Murovec, K. and Prodan, I. Absorptive capacity, its determinants, and influence on innovation output: cross-cultural validation of the structural model. *Techonovation*, 29(12), 859-872.
- Oliveira, M. (2013). A certificação em sustentabilidade (NBR 15401:2006) como fator estratégico de obtenção de vantagens competitivas. Tese (Doutorado em Administração e Turismo). Universidade do Vale do Itajaí/UNIVALI, Biguaçu.
- OMT. Organização Mundial do Turismo. (2004). Iniciativas voluntárias para o turismo sustentável: inventário mundial e análise comparativa de 104 selos ecológicos, prêmios e iniciativas de autocomprometimento. Roca: São Paulo.
- Pacheco, D. F., Dean, T. J. and Payne, D. S. (2010). Escaping the green prison: entrepreneurship and the creation of opportunities for sustainable development. *Journal of Business Venturing*, 25(5), 464-480. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2009.07.006>
- Padilha, L. S., Piekas, A. A. S., Kuzma, E. L., Begnini, S. and Carvalho, C. E. The impact of the environmental dimensions and the relationship between absorptive capacity and sustainability practices. *International Journal of Development Research*, 10(9), 39985-39991. <http://10.37118/ijdr.19853.09.2020>
- Pérez-López, D., Moreno-Romero, A. and Barkemeyer, R. (2015). Exploring the Relationship between Sustainability Reporting and Sustainability Management Practices. *Business Strategy and the Environment*, 24(8), 720-734.
- Pires, P. S. (1998). The Conceptual dimensions of ecotourism. *Turismo – Visão e Ação*, 1(1), 75-91.
- PNUMA. Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. OMT. Organização Mundial do Turismo. (2006) Por un turismo más sostenible: guía para responsables político.
- Portugal, N. S., Silva, S. S., Portugal, P. S. and Alves, A. F. (2017). Individual microentrepreneurs: a study of their actions and perceptions in response to the requirements of sustainable development. *Journal of Environmentla Managemente and Sustainability*, 6(1), 107-122
- Rauch, A., Wiklund, J., Lumpkin, G. T. and Frese, M. (2009). Entrepreneurial orientation and business performance: an assessment of past research and suggestions for the future. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3), 761-787.
- Núñez-Ríos, J. E., Sánchez-García, J. Y., Rojas, O. G., and Olivares-Benitez, E. (2020). Factors to foster organisational sustainability in tourism SMEs. *Sustainability*, 12(20), 1-21.
- Schussel, Z. G. L. (2012) Turismo, Desenvolvimento e Meio Ambiente. In: Brasileiro, M. D. S., Medina, J. C. C. and Coriolano, L. N. Turismo, cultura e desenvolvimento [online] 99-121.
- Swarbrooke, J. (2000). Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental. Aleph, São Paulo.
- Ramayah, T., Soto-Acosta, P., Kheng, K. K. and Mahmud, I. (2020). Developing process and product innovation through internal and external knowledge sources in manufacturing Malaysian firms: the role of absorptive capacity. *Business Process Management Journal*, 26(5), 1021-1093. <https://doi.org/10.1108/BPMJ-11-2019-0453>
- Riikkinen, R., Kauppi, K., and Salmi, A. (2017). Learning Sustainability? Absorptive capacities as drivers of sustainability in MNCs' purchasing. *International Business Review*, 26(6), 1075-1087.
- Rivera, J. and Leon, P. (2005). Chief executive officers and voluntary environmental performance: Costa Rica's certification for sustainable tourism. *Policy Sciences*, 38, 107-127.

- Rivera, J. and Leon, P. (2010). Do hotels' "green" attributes contribute to customer satisfaction? *Journal of Services Marketing*, 24(12), 157-169. <http://10.1108/08876041011031127>
- Robinot, E. and Giannelloni, J-L. (2009). Attitude toward Environmentally Friendly Hospitality Management: A Measurement Scale. *Recherche et Applications en Marketing*, 24, 29-59. <https://doi.org/10.1177/205157070902400202>
- Roszkowska-Menkes, M. T. (2018). Integrating strategic CSR and open innovation. Towards a conceptual framework. *Social Responsibility Journal*, 14(4), 950-966.
- Ruschamann, D. (2008). Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção ao meio ambiente. 14 ed, Papirus: Campinas, Brasil.
- Santos, A. C. M. A., Alves, M. S. P. C. and Bitencourt, C. C. (2015). Entrepreneurial orientation construct and the impact on performance of companies in technological incubators. *BASE*, 12(3), 242-255. <https://10.4013/base.2015.123.06>
- Schumpeter, J. A. (1983). Teoria do desenvolvimento econômico. Abril Cultural: São Paulo.
- Sciascia, S., D'oria, L., Bruni, M. and Larrañeta, B. (2014). Entrepreneurial Orientation in low-and medium-tech industries: The need for Absorptive Capacity to increase performance. *European Management Journal*, 32(5), 761-769.
- Silveira, M. A. T. (2005). Turismo y sustentabilidad entre el discurso y la acción. *Estudios y Perspectivas em Turismo*, 14(3), 222-242).
- Shussel, A. G. L. (2012). Turismo, desenvolvimento e meio ambiente. In.: Brasileiro, M. D. S, Medina, J. C. C. and Coriolano, L. N. (Orgs). Turismo, cultura e desenvolvimento [online]. Campina Grande, Brasil. <<https://static.scielo.org>>
- Sorescu, A. B., Chandy, R. K. and Prabhu, J. C. (2003). Sources and financial consequences of radical innovation: Insights from pharmaceuticals. *Journal of marketing*, 67(4), 82-102.
- Tenconi, C. D. (2015). Desenvolvimento de uma Escala para mensurar a capacidade de absorção em pequenas empresas. Dissertação (Mestrado) – Curso de Administração, Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis.
- Valentin, L., Lisboa, J. and Franco, M. (2015). Knowledge management practices and absorptive capacity in small and medium-sized enterprises: is there really a linkage? *R&D Management*, 46(4), 711-725. <https://doi.org/10.1111/radm.12108>
- Vázquez, J. P. A., Tirado-Valencia, P. and Ruiz-Lozano, M. (2021). The Impact and Value of a Tourism Product: A Hybrid Sustainability Model. *Sustainability*, 13(4), 1-14. <https://doi.org/10.3390/su13042327>
- Vitehssonhi, C. (2009). Corporate ecological sustainability strategy decisions: the role of attitude towards sustainable development. *Journal of Organisational Transformation and Social Change*, 6(1), 49-64.
- Venkatraman, N. (1989). Strategic orientation of business enterprises: The construct, dimensionality, and measurement. *Management Science*, 35(8), 942-962.
- Wang, C. K. and Ang, B. L. (2004). Determinants of venture performance in Singapore. *Journal of small business management*, 42(4), 347-363.
- Xu, X. and Gursoy, D. (2014). A Conceptual Framework of Sustainable Hospitality Supply Chain Management. *Journal of Hospitality Marketing & Management*, 24(3), 229-259. <https://doi.org/10.1080/19368623.2014.909691>
- Zahra, S. A., & George, G. (2002). Absorptive Capacity: A Review, Reconceptualization, and Extension. *The Academy of Management Review*, 27(2), 185. <https://doi.org/10.2307/4134351>
- Zahra, S. A., Filatotchev, I. and Wright, M. (2009). How do threshold firms sustain corporate entrepreneurship? The role of boards and absorptive capacity. *Journal of business venturing*, 24(3) 248-260.